



MILITARES CONDECORADOS COM A ORDEM DA LIBERDADE

O REFERENCIAL



Suplemento



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL
DIRECTOR: ANICETO AFONSO | N.º 147 | OUTUBRO – DEZEMBRO 2022

**CARTAS
AOS NETOS DE ABRIL**

Estela Silva, Lusa



Rodrigo Antunes, Lusa

1 Deve Comemorar-se o 25 de Novembro?

Manuel Pedroso Marques | 3

2 Comemorar o 25 de Novembro?...SIM... MAS...

Vasco Lourenço, Presidente da Direcção da A25A | 6

EDITORIAL



ANICETO AFONSO

“O Referencial 147 – Suplemento”

Desde que assumi as funções de diretor de “O Referencial” foi minha intenção publicar, em complemento da edição normal, um Suplemento apenas disponível em formato digital, que permitisse maior flexibilidade e a abrangência própria deste tipo de publicação. E que fosse, ao mesmo tempo, uma forma menos dispendiosa de manter a ligação com os leitores.

Só agora, com O Referencial 147, se concretiza esse projeto através da edição do respetivo Suplemento, apenas em formato digital. Espero que no futuro, pelo maior interesse dos nossos associados e dos nossos leitores, seja possível manter este propósito e contribuir para um maior intercâmbio de ideias, de memórias e de opiniões. Daremos sempre prioridade ao interesse e à qualidade das colaborações que muito desejamos receber.

O nosso incentivo é dirigido a todos os que estejam disponíveis para participar.

DEVE COMEMORAR-SE O 25 DE NOVEMBRO?

MANUEL PEDROSO MARQUES

Passados 50 anos, o entendimento a fazer entre os 25's de Abril e Novembro vai pertencendo à história. A meu ver, esse entendimento centra-se numa antirrevolução que não outorgava uma política de extrema esquerda sem base social de sustentação; agrupam-se-lhe fações numa contrarrevolução que se aproximava do regresso ao Estado ditatorial; triunfou a normalização social e política de consolidação da democracia que hoje temos.

A habitual polémica suscitada pelas comemorações das duas datas ainda hoje aviva recordações e atuações dos que criticam ou defendem, com diferentes graus de crítica ou defesa, uma ou outra das datas. No fundo, as duas datas traduzem a dialética de um processo que implode uma ditadura de 48 anos e a substitui, em quatro horas, por uma democracia-a-implantar. Implantação que naturalmente aconteceria com a eclosão e o confronto de opções políticas diferentes, embora pudesse

ter acontecido de um modo muito mais dramático. O que de todo este processo ficou, e perdura, são as inferioridades causadas pela submissão de um povo à mais longa ditadura da Europa Ocidental, de que nos vamos libertando, com êxitos e reveses.

A legitimidade de qualquer comemoração a que se atribua significado social, e que a história venha a considerar como identitária da comunidade, coloca o 25 de Abril no pedestal que revolucionou e o 25 de Novembro no que clarificou. Não devemos cometer o erro clamoroso de um dos maiores historiadores internacionais, Martin Gilbert, que, por considerar, e bem, a Guerra Fria como a sucessão de factos mais importante na segunda metade do Século XX, quando fala de Portugal dá mais importância ao 25 de Novembro do que ao 25 de Abril. Para ele, Abril foi um acontecimento contra uma ditadura de direita, que nem era das mais sanguinárias, desencadeada por forças militares que impuseram a democracia,

ponto. O que lhe interessou, foram os acontecimentos posteriores, ou seja, um confronto entre políticas da extrema esquerda marxista e leninista e todas as outras que não concordavam com estas ideologias. Martin Gilbert via o mundo, naquela época, dentro do confronto ideológico e no confronto político entre dois blocos de países, os da NATO e os do Pacto de Varsóvia - entre capitalismo e comunismo. E desta temática está mais perto o 25 de Novembro do que o 25 de Abril. A divisão passou por dentro de vários partidos. O Partido Socialista, vindo da Ação Socialista Portuguesa, que tinha nos seus textos uma “inspiração marxista”, além da republicana, da luta pela democracia, etc. fez comícios, após o 25 de Abril, aclamando “PS, partido socialista, partido marxista” e, a seguir, cantava-se a Internacional. Aliás, o Partido Comunista também deixou cair a “ditadura do proletariado” do seu programa. Entendo que prestar vassalagem aos sinais dos tempos, afaga Cronos, o “Deus do Tempo”, respeita a cronologia das coisas, e não fica mal a ninguém.

Como é evidente, é mais grato comemorar o de que toda a gente gosta, o que integra, do que o que fratura. Mas a comemoração da República não seduz os monárquicos... E vamos por isso deixar de comemorar o 5 de Outubro?

- Jamais!

Creio que a melhor forma de resolver a questão das comemorações dos dois 25's, de Abril e Novembro, é considerar que em Democracia cada um comemora o que quiser. E como a interpretação do que se comemora é uma subjetividade, além de comemorar tem o direito de o fazer como entender.

Eu comemoro com um grupo de camaradas e amigos (uma jantarada) que se reuniam numa estalagem em Cascais, a caminho da Boca do Inferno, para refletirem sobre a evolução tumultuada que a vida política no nosso país evidenciava naqueles tempos. Não concordo com algumas opiniões que hoje alguns têm e tinham, mas recordo de modo positivo a preocupação que tínhamos e temos pelo futuro de Portugal.

MANUEL PEDROSO MARQUES

Manuel Pedroso Marques nasceu em Lisboa e é coronel do Exército na situação de reforma. Foi presidente da RTP, da empresa do Diário Notícias e da Capital, administrador da Bertrand e da Difel, de empresas de publicidade e da Agência Lusa de Notícias. Foi assessor militar do primeiro-ministro Mário Soares e publicou vários livros, entre os quais *Os Exilados não esquecem nada mas falam pouco* (2015).

COMEMORAR O 25 DE NOVEMBRO? SIM... MAS...

VASCO LOURENÇO *

Respondendo afirmativamente a essa pergunta – eu nunca deixei de o comemorar, não como o faz a generalidade dos que reclamam pela sua comemoração, mas com o sentido devido que lhe dá um dos maiores responsáveis pela liderança dos que então saíram vencedores – considero que se deve comemorar o que efectivamente aconteceu e não o que alguns pretendem fazer crer que aconteceu.

O caminho para que isso se verifique é fácil, no meu entender.

Em primeiro lugar, considerar que o 25 de Abril é o acto fundador da Liberdade, da Paz e da Democracia, e que é esse o dia que verdadeiramente interessa comemorar.

O 25 de Abril teve, sempre conservou e ainda tem, um conjunto de valores que fazem dele um acto único na História Universal: o da libertação, da derrota da ditadura, da abertura ao fim da guerra e à construção da Paz, para além de um processo efectivamente único na História da

humanidade, a construção da Democracia, através da devolução do Poder à sociedade democraticamente organizada.

Porque, se há um aspecto que se impõe realçar e não esquecer, é o de os Capitães de Abril, através do MFA, terem assumido a verdadeira liderança do processo revolucionário, que abrangeu a explosão popular a que a mudança radical do regime político deu origem, apoiando as enormes transformações verificadas, sem nunca terem soçobrado face aos exageros que, naturalmente, essa situação provocou, onde, de repente, todos os sonhos pareciam possíveis.

Essa liderança mais se manifestou nas primeiras eleições verdadeiramente livres em Portugal, em 25 de Abril de 1975, com o record de 98% de participação dos eleitores (num caderno eleitoral que, dos 2.096.000 inscritos em Outubro de 1973 passaram aos 6.231.000 passado apenas um ano e meio); manifestou-

se ainda na aprovação da Constituição da República em 2 de Abril de 1976; na consumação dessa Constituição, nomeadamente com as primeiras eleições livres, ainda no ano de 1976, para todos os órgãos de soberania elegíveis; manifestou-se também através de um órgão de soberania constitucional, o Conselho da Revolução que, findo o Período de Transição, transmitiu definitivamente o Poder às instituições democráticas, regressando os militares à sua natural função de participação na Defesa Nacional.

Perante isto, impõe-se lembrar que, desde o dia Libertador de 25 de Abril, os seus inimigos nunca deixaram de tentar combatê-lo, procurando recuperar os ilegítimos privilégios de que disfrutavam até aí.

Por isso aconteceu o chamado “golpe Palma Carlos”, o 28 de Setembro de 1974 e o 11 de Março de 1975.

Embora vencidos estes percalços, eles provocaram o erradamente chamado “salto em frente”, onde outras forças, apoiantes do 25 de Abril, enquanto responsáveis pelo fim da ditadura, consideraram possível a construção de uma sociedade diferente, com

modelos não democráticos, segundo as regras da “Democracia política e pluralista”, meta que o 25 de Abril ambicionou, desde o início, alcançar.

Foi o momento em que o MFA, mais uma vez e sempre fiel aos valores que levaram os Capitães de Abril a tudo arriscarem no 25 de Abril, voltou a ter que lutar, mesmo contra alguns dos seus camaradas e companheiros, pela execução do seu Programa, apresentado aos portugueses nessa data Libertadora.

E se o MFA voltou a vencer, desta vez contra as forças que, no espectro político, são consideradas de esquerda, teve também que confrontar-se contra os inimigos de Abril, já vencidos nas anteriores tentativas falhadas, mas que se mascararam e acobertaram no “guarda chuva” do MFA, agora consubstanciado no “Grupo dos Nove”, proclamando a sua natureza de defensores da Democracia, apenas porque eram contra as novas formas de ditaduras, ainda que com o disfarce de defesa de uma maior igualdade social.

Não foi fácil enfrentar esta força não democrática, fundamentalmente

porque, ainda que apenas na aparência, estava do lado dos defensores do 25 de Abril genuíno.

Mais uma vez, os Militares de Abril venceram e, se uma solução de Poder Popular ou afins foi derrotada, igualmente foi vencida a que terá sido a última das tentativas dos vencidos em Abril, para impor um regresso ao passado.

E, apesar de todos os esforços feitos por essa extrema-direita, ou mesmo pelos defensores de uma Democracia musculada, só não terem resultado na implantação de uma nova ditadura, tudo se deve ao facto de os Capitães de Abril terem conseguido evitar os seus intentos.

Daí eu não ter dúvidas: Comemorar o 25 de Novembro? Sim, mas como acontecimento que permitiu a consumação do 25 de Abril! Nunca como acontecimento que abriu as portas a soluções preconizadas pelas forças que mais gritam por essa comemoração, que não hesitariam

um momento em materializá-las, se para tal criassem condições.

Comemorar o 25 de Novembro?

Sim, como igualmente o 28 de Setembro e o 11 de Março!

Enquanto etapas de defesa do 25 de Abril que contribuíram definitivamente para a consumação do Programa do MFA, onde a aprovação da Constituição da República ocupa um lugar cimeiro.

Para essa comemoração, contem comigo.

Para deturpações históricas, contem com a minha oposição, pois não aceito a deturpação da História de uma epopeia colectiva que, enquanto um dos principais dirigentes desse colectivo, muito continua a honrar-me!

*** Presidente da Direcção da A25A**